

RASTROS HISTÓRICOS E LITERÁRIOS NO ARQUIVO PESSOAL DE FONTES IBIAPINA

Lueldo Teixeira Bezerra¹
Raimunda Celestina Mendes da Silva²

RESUMO

Os arquivos pessoais de escritores é um espaço detentor de documentos de fontes primárias. Entender o que leva à constituição de um arquivo de escritor, o arquivamento de si da literatura, é movimentar-se pela seara de documentos pessoais, históricos e pactos de confidencialidade que revelam um cenário que, no Brasil, até o início da década de 1960 era um campo sem dimensões notáveis. O primeiro Instituto criado no Brasil para realizar estudos com documentos literários e históricos foi o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP). Posteriormente surgiram outros centros documentais, que com a missão de custodiar documentos de escritores, que representam desde a biblioteca do escritor até sua vida íntima na produção literária. Esses centros documentais guardam correspondências, diários, cadernos de rascunho, jornais, manuscritos, entre outros tipos de documentos que testemunham o devir da obra literária. Os documentos que compõem um arquivo de escritor, além de narrar o fazer literário, trazem informações históricas sobre o período de criação da obra, passando a ser de interesse também da área da História, consequentemente passando a ser contribuinte para a construção da história da literatura. É a partir dessas considerações que o presente estudo busca demonstrar os rastros históricos e literários no arquivo pessoal do escritor piauiense Fontes Ibiapina. Atualmente o arquivo aqui estudado é custodiado pelo Núcleo de Estudos em Memória e Acervo, pertencente à Universidade Estadual do Piauí. O arquivo de Fontes Ibiapina é composto por obras em 1ª edição, jornais, cadernetas, revistas e livros com marginalias, notas às margens das páginas dos livros escritas pelo próprio escritor. Estes documentos narram um período em que o escritor produzia suas obras regionais, apontado um cenário social, cultural, político, e econômico do estado do Piauí. Assim, esta comunicação se faz cabível nas discussões sobre história e literatura.

Palavras-chaves: História da Literatura, Arquivo Pessoal, Fontes Ibiapina.

INTRODUÇÃO

A literatura é um segmento que representa fortemente a cultura brasileira. Os literatos, em labor escriturário, deixam rastros constituído em documentos que narram o *modus operandi* da trama ficcional. Esses documentos, em primeiro momento, ficam sob a guarda do próprio escritor. Por se tratar de documentos pessoais esboços em manuscrito, correspondências, diários de bordo, marginalias entre outros tipos de documentos, o autor tem para si a intimidade que revelam o pano de fundo da sua obra, o que nos ajuda a compreender o contexto histórico da narrativa. Esses documentos passam a ser, também, fontes primárias para os estudos da História da Literatura.

A preocupação em preservar os arquivos pessoais de escritores vem, sobretudo desde meados da década de 1980, se intensificando com as iniciativas de instituições

¹ Mestrando do curso de Letras da Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

² Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

como a Academia Brasileira de Letras (ABL), Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) e Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB), Acervo de Escritores Mineiros, entre outros. Estas instituições enfocam a aproximação dos arquivos dos literatos – e aqueles provenientes de outras personalidades – às normas arquivísticas, pois reconhecem que estes arquivos possuem os registros que detêm a memória literária do Brasil.

Há um crescente número de instituições que se dedicam à curadoria de arquivos de escritores no Brasil. Isso resultou no aumento de pesquisas em espaços detentores de documentos de fontes primárias, tais como manuscritos, obras de arte, objetos pessoais, recortes, fotografias etc. Partindo do pressuposto de que um arquivo de escritor é um espaço de memória literária particular, surge então o processo de desterritorialização e reterritorialização destes arquivos, uma vez que saem do privado para o público, onde passam a receber um novo tratamento com a contribuição dos pressupostos e dos profissionais da arquivologia, biblioteconomia, museologia, dentre outras ciências afins.

Os arquivos pessoais de escritores agregam evidências valiosas sobre a vida literária de quem um dia registrou por meio da escrita fatos e tramas de ficção. Esses documentos devem receber cuidados de quem se propõe a estudar os bastidores de uma vida, uma obra, um *modus operandi*, as relações estabelecidas, enfim.

Assim, o presente estudo propõe-se a percorrer o arquivo literário do escritor piauiense João Nonon de Moura Fontes Ibiapina, de modo a realizar um estudo sobre o seu arquivo pessoal e trazer a público os documentos que compõem o seu arquivo literário, custodiado pelo Núcleo de Estudos em Memória e Acervo – NEMA, pertencente à Universidade Estadual do Piauí - UESPI.

A obra literária de Fontes Ibiapina reúne aspectos que contribuem para a formação da identidade e cultura do sertão piauiense, especialmente por enfatizar as desigualdades sociais por meio da ficção que, de certo modo, soa como uma denúncia idealizada por parte do escritor. Toda trajetória literária de Fontes Ibiapina foi resultado de anos a fio de pesquisas, as quais originaram documentos autorais e bibliográficos para uso e construção das tramas de suas obras. Esses documentos – revistas, jornais, agendas, cadernos de anotações, livros com marginalias – ajudam a testemunhar o movimento escriturário de Fontes Ibiapina e, atualmente, estão em processo de organização sistemática no Núcleo de Estudos em Memória e Acervos – NEMA.

Portanto, o arquivo pessoal de Fontes Ibiapina é problematizado como um construto social que contribui com a constituição da memória, fonte e objeto do

conhecimento, arquivos de poder e objetos de trocas simbólicas. Para a realização dessa empreitada, o presente estudo analisará o modo como seu arquivo foi composto e acumulado, além da circulação e das trocas durante a vida do escritor. ´

DESENVOLVIMENTO

Ao se deparar com um acervo, o pesquisador logo tem sua mente arrebatada por alguns instantes ao contemplar a variedade de possibilidades de estudo que aqueles documentos lhe possibilitam. Ele, o pesquisador, passa a ter acesso às confidências e segredos, por meio dos registros autorais do escritor. Assim, começa uma grande missão: revelar o que ninguém nunca pôde imaginar. No entanto, analisar, interpretar e descrever esses documentos, requer um certo cuidado, visto que, no que tange a uma produção científica, é necessária uma postura profissional e ética por parte do pesquisador. É nesse momento que,

Frente à multiplicidade de fios que se desenrolam para seu percurso analítico, que o pesquisador dos acervos deve estar consciente, de antemão, da provisoriedade suplementar de sua análise se comparada a outras, uma vez que as conclusões de seu trabalho serão, mais do que em um outro tipo de pesquisa, sempre necessariamente parciais. (CURY, 1995, p. 55-56)

Definir o que é um acervo literário não é uma tarefa tão simples. Bordini (2003), com base nos vários estudos acerca do acervo literário de Erico Veríssimo, prega que espólio e arquivo seriam palavras que definiriam a amplitude do material que estava sendo compilado a partir de suas pesquisas. O material encontrado no acervo de Veríssimo vai além de uma herança, como designa a palavra espólio. O acervo poderia abraçar vários documentos de cunho pessoal. Aqui, a expressão “vários documentos” diz respeito não só a questão da quantidade desse material, mas também, principalmente, a diversidade de gêneros textuais que pertencem ao escritor e registram, até mesmo narram, seu labor literário. Esses documentos encontrados não devem ser submetidos a simples classificações, como nos orienta a definição de arquivo.

Foi diante dessa e de outras discussões que se passou a entender que acervo quer

[...] significar um trabalho que não apenas conserva em ordem e cataloga para a consulta documentos literários, mas promove a obra e a imagem do escritor, propicia investigações de cunho teórico, crítico e histórico, tanto quanto acolhe mais do que normalmente os arquivos ou espólios literários costumam conter. (BORDINI, 2003, p. 131-132)

O status do arquivo tradicional segue uma sistematização biblioteconômica, na qual os documentos não deixam de ser conservados, arquivados e fichados. Tal cuidado ocorreu tendo em vista a necessidade dos documentos de diversas séries, em especial manuscritos, cartas e livros raros, passarem a ser investigados por pesquisadores. Assim, o pesquisador ganha condições de selecionar os textos apropriados a sua pesquisa, empregando recursos metodológicos eficazes, que estimulem a leitura, a transcrição, a compreensão dos textos lidos, bem como a externalização do sentido apreendido pelo investigador.

Para Regina Zilberman, a pesquisa em arquivos propõe que o pesquisador entenda que

o documento de algo não só aponta para um outro, o evento documentado, mas para o que esse evento não diz: “o que faço documenta não só o que sei, mas também o que desconheço”. O documento, embora ateste aquilo que foi documentado, vai além, traz uma margem de significações inesperadas. Por outro lado, o texto não postula para o que afirma a prova da verdade, nem diz apenas o que está nas palavras - não é o avesso do real, uma negação deste, mas um não-espaco onde o real se torna apenas possível - de modo que associar leitura e documento se torna um ato teórico incongruente. (ZILBERMAN, 2004, p. 208)

É necessário compreender que os arquivos literários comportam muito mais do que conjuntos de manuscritos e datilógrafos de obras literárias. Esses locais são detentores de documentos que refletem artefatos não só construídos pela arte da palavra, como Manuel Bandeira denomina a Literatura, mas têm sobre sua custódia manuscritos, obras de arte, objetos pessoais, recortes, fotografias, dentre outros documentos compreendidos como fontes primárias.

A ordem original da construção de um arquivo pessoal é rompida quando seu construtor se aparta definitivamente dos seus documentos. Seu contexto de produção é perdido e, portanto, o “arquivo literário” passa a ser compreendido como uma coleção artificial de documentos literários e não literários que por si só não contextualiza um discurso coerente de sua produção.

Bellotto elucida algumas possibilidades de investigação com esse tipo de arquivos, assegurando que,

O caminho dos arquivos é aberto aos historiadores, aos sociólogos, aos antropólogos, aos arquivistas, aos literatos, aos detetives, aos policiais, aos juristas, aos educadores, aos médicos, aos psicólogos, aos psicanalistas, aos jornalistas e a outros que, pelas características de sua atuação profissional, têm maiores condições e oportunidades de realizar essa espécie de viagem ao interior do pensamento de uma pessoa, e a razão de ser de ações e atitudes suas, das quais, de outro modo, só se conheceria a finalização. (BELOTTO, 1998, p. 201)

Ao se realizar uma pesquisa literária, os arquivos pessoais de escritores ou arquivos literários recebem a classificação de fontes primárias, pois eles narram

informações sobre a vida e as obras de seus titulares. Os arquivos pessoais são apontamentos de pensamentos, ideias e sentimentos dos seus autores e, no caso desta pesquisa, do escritor Fontes Ibiapina.

Durante uma carreira literária, o escritor sente a necessidade de arquivar alguns documentos que, futuramente, mostrarão o seu labor literário para os pesquisadores que adentrarem seu arquivo pessoal. É nessa seleção que surge o apagamento da memória testemunhal que testifica o cognitivo do escritor e o movimento da sua mão ao construir suas tramas de ficção.

A discussão a respeito da memória escrita ou gravada, patrimonial e cultural, ou ainda das comunidades e instituições, estão ligadas na atualidade às novas funções dos arquivos: conservar informações, conhecimentos e dados do mundo moderno, visto que os arquivos existiam, há bem pouco tempo, pautados nos modelos da Biblioteconomia, com o objetivo de guardarem registro de provas, como quer Delmas (2010, p. 21):

Os arquivos servem para provar. A prova, a necessidade da prova frente à justiça foi, na sociedade ocidental, a primeira razão da conservação para longa duração de determinados documentos escritos: diplomas, merovíngios e carolíngios, atos, títulos etc. Os documentos conservados eram documentos de arquivo porque probatórios e não o contrário. Só muito mais tarde é que foram reconhecidos a todo documento de arquivo um caráter de autenticidade e um valor probatório a ser preservados.

Corroboramos com Santos (1995), quando nos aponta que os acervos são extensões dos autores e os materiais encontrados em seus acervos assumem o papel de testemunhar a vida escriturária de cada um. Santos (1995) quer dizer que, “a biblioteca e/ou arquivo pessoal constitui uma história de vida. O conhecimento, a experiência e os registros dessa experiência acumulados por uma pessoa ou instituição constituem uma variada e rica fonte informativa”. Compreende-se então que, ao se deparar com um acervo literário, não devemos nos ater apenas às diretrizes da biblioteconomia ou até mesmo da arquivologia. É preciso estabelecer uma organização específica em cada acervo no intuito de resgatar a identidade do autor em sua plena atividade.

Assim, o acervo literário testemunha a vida escriturária de um escritor. É nesse espaço que um pesquisador interessado em conhecer a obra com mais profundidade, consegue compreender de maneira panorâmica o texto literário não só no que diz respeito à questão ficcional, mas também às questões culturais, históricas, filológicas, e o que mais o acervo for capaz de oferecer.

Os estudos com fontes primárias, em acervos, sobretudo literários, pode funcionar como dispositivo para revisar, reler e reescrever a história da literatura. De acordo com Bordini (2005, p. 23),

[...] a materialidade da documentação literária e não-literária de um acervo permite, pois, o entrecruzamento da história, da sociedade, das subjetividades, do inconsciente pessoal e político, dos construtos do real tanto coletivos quanto individuais com os elementos, processos e convenções que resultam na obra literária, explicitando-os sincrônica e diacronicamente. Para estabelecer o percurso e a identidade dos produtos literários, os suportes materiais são a fonte mais produtiva de temas e ligações possíveis. Como o sentido tende sempre a fugir do signo, mesmo associações tidas por impertinentes nesse complexo multifatorial são aceitáveis, já que o próprio sistema literário é uma construção histórico-social e, portanto, interessada, seja do escritor, seja do leitor, seja do seu pesquisador.

A materialidade discursiva do documento é alterada ao longo do processo de transmissão das informações sobre tais documentos, havendo, ao mesmo tempo, um apagamento e produção de sentidos que (re)orientam a construção de sentido resultante das várias leituras durante infinitos estudos.

A Professora Maria Eunice Moreira afirma que

[...] ao copiar, transformar ou interferir nesses objetos que ocupam um determinado lugar no círculo cultural, ele [o historiador] muda o lugar e o estatuto dessas peças. A história opera, portanto, não com a realidade, mas seu objeto de pesquisa constrói-se, na contemporaneidade, com dados já formalmente construídos. A esses conjuntos em que se articulam o dado e o criado, ou seja, a natureza e a cultura, desenvolve-se a tarefa do historiador. Por isso, transformando as matérias-primas (informação primária) em produtos elaborados (informação secundária), o historiador transporta-os de uma região da cultura (os arquivos, as coleções, os bancos de dados) para outra região mais vasta – a história (MOREIRA, 2004, p.4).

Moreira explica que a passagem de uma determinada região da cultura para outra mais vasta contrai nos acervos um caráter de transitoriedade, segundo o qual o criado, uma vez constituído, volta a ser dado. Isso quer dizer que, nesse jogo de função, o documento/criado passa a conter informações redigidas/marcadas pelo escritor assume o papel de fonte de estudo. Em outras palavras, o resultado da pesquisa sobre determinadas fontes primárias torna-se, uma fonte em potencial para futuros pesquisadores, dado que tal estudo passa a ocupar um lugar, que não é fixo, no corpo do arquivo.

De acordo com Rettenmaier (2018), podemos encontrar dois impasses na concepção sobre acervo literário: o difícil armazenamento dos muitos grãos e o fato de cada documento ser completamente único e frágil. Assim, os arquivos que compõem um acervo literário nos remetem a noção de memórias em dois níveis.

No primeiro nível, a memória é compreendida como algo particular. Com esta concepção, compreende-se que o acervo é um espaço que reflete a presença do escritor, uma vez que nesse local podemos encontrar objetos pessoais, livros e, mais íntimos ainda, os pensamentos do escritor, gravado em cada fólio catalogado. Esses documentos reconstroem a identidade de um

sujeito específico. Cartas, listas de mercado e até mesmo bilhetes narram a vida pessoal de cada um.

É com esses documentos pessoais que o pesquisador passa a conhecer mais a fundo a obra do escritor. Compreende-se que o texto escrito por ele passou por várias seleções de informações que resultaram na obra entregue ao público. E são essas seleções que deixam registros que demarcam o conteúdo de cada acervo literário.

A obra literária de Fontes Ibiapina reúne aspectos que contribuem para a formação da identidade e cultura do sertão piauiense, especialmente por enfatizar as desigualdades sociais por meio da ficção que, de certo modo, soa como uma denúncia idealizada por parte do escritor. Toda trajetória literária de Fontes Ibiapina foi resultado de anos a fio de pesquisas, as quais originaram documentos autorais e bibliográficos dos quais fazia uso para a construção das tramas de suas obras. Esses documentos – revistas, jornais, agendas, cadernos de anotações, livros com marginalias – ajudam a testemunhar o movimento escriturário de Fontes Ibiapina e, atualmente, estão em processo de organização sistemática no Núcleo de Estudos em Memória e Acervos – NEMA.

O segundo nível de memória presente em um acervo é o da literatura. As obras escritas por um escritor e que estão disponíveis aos leitores nas prateleiras das livrarias apresentam bastidores que o leitor não tem ideia das informações ocultas no processo criativo. Os documentos que compõem um acervo literário são detentores da memória da escritura dos textos, o que os torna provas vivas do movimento escriturário de cada escritor.

As obras literárias de Fontes Ibiapina trazem marcas de um regionalismo que caracterizam o sujeito, o espaço, a cultura e a linguagem nordestina. Para tanto, o escritor realizou várias pesquisas que geraram documentos autorais e fortunas críticas que espelham suas obras. Assim, seu arquivo pessoal é problematizado como um construto social que contribui para a constituição da memória, fonte e objeto do conhecimento, arquivos de poder e objetos de trocas simbólicas, de uma sociedade regional do passado.

Diante desta prerrogativa, Miranda (2003) aponta que o elemento de um acervo literário, transportado da memória para o presente, possui valor de reciprocidade uma vez que a lembrança do objeto é vista como algo importante e o objeto contribui para a valorização da lembrança. Ainda de acordo com Miranda (2003), esse caminho de mão dupla “redesenha as fronteiras de uma tradição esquecida, que se mostra então plena de

atualidade.”. Portanto, “citar os mortos ou citar um texto é trazer o passado para o presente, é infundir outra vida ao que foi citado” (MIRANDA, 2003, p. 38).

Ao analisar alguns documentos do acervo literário de Fontes Ibiapina, passamos a ter conhecimento da cultura, do dia a dia do homem sertanejo. Questões políticas são abordadas na obra do escritor com um tom de denúncia, como pode ser observado nas obras *Eleições de sempre* e *Passarelas de marmotas*. Ambas retratam a insatisfação por parte do autor ao que diz respeito ao cenário político e social do estado em que ele vive, a saber, o Piauí.

Configurado como um espaço de memória, o acervo deixa de ser compreendido como um objeto acabado, pois ele traz consigo uma concepção de dualidade: lembrança e esquecimento, passado e presente, fragmentação e totalidade, singularidade e diversidade. Logo,

[...] em seu aspecto ameaçador, um arquivo pode remeter talvez a um excesso ou carência documental, vinculados à dimensão do passado; entretanto, enquanto traçado, projeto, pode conter a ideia de futuro, colocando-nos frente a novas possibilidades de tratamento do arquivo, a novas ordens de leitura e interpretação de seus documentos. (MARQUES, 2011, p. 192)

Ao entendermos que o acervo se relaciona com o passado, defendemos que ele está ligado a traços históricos que inquietaram o próprio escritor, uma vez que ele, o escritor, também é um sujeito histórico e sua literatura integra uma produção cultural que representa determinada época.

Ao adentrarmos no acervo de Fontes Ibiapina, logo percebemos que o escritor acompanhava a fio os acontecimentos do estado do Piauí. Esses acontecimentos vão desde fatos sociais a fatos do cotidiano do homem sertanejo em sua lida diária. No acervo aqui estudado, localizamos jornais que narram a disputa política do Piauí. Nesses jornais, percebemos que Fontes Ibiapina é um leitor assíduo dos acontecimentos de seu estado. Alguns jornais se encontram deteriorados por conta do tempo. Alguns apontam marcações feitas à mão que estão quase invisíveis.

As agendas escritas pelo escritor apresentam algumas páginas com anotações incompletas. Nelas Fontes Ibiapina realizou anotações acerca do seu dia a dia com juiz. Casos judiciais que lhe chamavam a atenção foram registrados em suas anotações. Contudo, Fontes, como um profissional ético, nunca revela o nome dos envolvidos. Ao longo das anotações, o próprio autor esclarece que não irá citar nomes, por se tratar de pessoas reais, isto é, não se tratava de suas personagens fictícias.

Observamos que Fontes Ibiapina redigia uma anotação como se fosse lida posteriormente por outra pessoa. Essa preocupação fez com que o autor demarcasse sempre algo que lhe chamava atenção em jornais, revistas e livros. É se ele selecionasse o que de fato era importante em uma determinada notícia, matéria ou em outro texto.

McKemmish (2013) observa que o arquivar, no sentido de produzir rastros, nada mais é do que um ato de esquecimento que traz consigo a possibilidade de um lembrar adiado. O jogo entre o escrever, esquecer e o lembrar na produção literária de um escritor resulta na destruição de parte da memória que testemunha o enredo ficcional que alavancará o movimento escriturário.

O ato de escrever é uma invocação do passado. A escrita memorialística consiste em não “esquecer dos mortos, dos vencidos, não calar, mais uma vez, suas vozes [...]” (GAGNEBIN, 2006, p. 11). Ao escrever, o autor traz à luz suas memórias. É nesse momento que se inicia uma seleção do que de fato será registrado. Essa seleção pode ser involuntária e voluntária. A primeira porque é humanamente impossível alguém descrever *ipsis litteris* um acontecimento tal qual ocorreu. Isto implica dizer que ocorre um apagamento daquilo que foge do contexto do momento presente da escrita. Já o segundo tipo de seleção de memórias corresponde àquilo que o autor quer registrar, ou seja, ele escolhe o que quer trazer à luz e que será gravado em seu texto. Em ambos os casos de seleção de memórias, há o apagamento de algumas reminiscências.

Para Gagnebin (2006), a escrita, por muito tempo, é considerada o rastro mais moroso deixado pelo seu sujeito, isto é, o autor do registro. Tal prova pode perpassar o estágio da vida do escritor, testemunhando posteriormente o labor escriturário do autor, quando transmite uma mensagem, que pelo fato da ausência do seu senhor, passa a conter múltiplas interpretações.

O arquivamento da memória no papel ou em qualquer outro suporte a imortaliza, o que possibilita ao seu autor o direito de não guardar em sua memória, enquanto faculdade mental. Após registrada, é possível realizar, quantas vezes se fizerem necessárias, a consulta àquilo que foi registrado.

É durante esse movimento que passa a surgir os documentos que compõem um arquivo pessoal. Surge então o processo de arquivamento de documentos adquiridos e produzidos pelo escritor.

Quando um pesquisador adentra em um arquivo pessoal de um escritor, ele se depara com uma infinita possibilidade de interpretação dos textos encontrados. No

entanto, faz-se primeiramente uma desconstrução do texto para depois construí-lo, segundo os rastros deixados pelo autor, novamente considerando as rasuras que são marcas autorais.

Essas marcas autorais, conhecidas também como litura, são resultados de inúmeras pesquisas realizadas pelo autor, o que gera vários documentos, os quais são guardados, seja pelo escritor, seja por outra pessoa, por diversos motivos que vão desde possibilidades de consultas futuras a documentos de correspondências, publicações em jornais e revistas ou até mesmo apreciação crítica.

Parte desses documentos são descartados pelo próprio autor, quando em vida estava em plena produção literária, ou até mesmo pelo tempo, que castiga os documentos com a deterioração.

No arquivo pessoal de Fontes Ibiapina, as lacunas produzidas pelos descartes de documentos, aliadas às constantes mudanças de posse do arquivo pessoal do escritor, resultaram em vazios significantes para os estudiosos de seu arquivo, o que leva a surgir uma incógnita para a interpretação e compreensão da obra ibiapiana.

Os manuscritos da obra de um escritor dialogam diretamente com os esboços e notas, o que resulta no mapeamento detalhado do seu processo criativo. À essas duas classes de documentos (esboços e notas) agrega-se outra classe de documento que corresponde aos materiais gráficos de autoria do escritor, a saber, as ilustrações. As ilustrações em manuscritos são justificadas pelo acréscimo de subsídios gráficos na tentativa de explicar do processo criativo. A crítica genética é uma área de estudos críticos sobre a obra de arte que busca nos documentos³ que narra a criação da obra fontes, sobretudo, nesses três grupos de documentos, embora possam também comparar edições de uma obra, revista a posteriori da publicação pelo autor.

No ano de 2010, a Professora Doutora Márcia Edlene de Mauriz Lima, ao retornar do doutorado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, onde defendeu sua tese sobre a reescrita da obra *Teodoro Bicanca*, de Renato Castelo Branco, trouxe consigo um desejo fervoroso de trabalhar com acervos de escritores. Por ter familiaridade com as obras de Fontes Ibiapina e já conhecer parte do acervo do escritor, cria na Universidade Estadual do Piauí o Núcleo de Estudos em Memória e Acervos - NEMA.

³ Estes documentos, segundo SALLES (2000), são denominados de documentos de processo.

Desde então, a Universidade Estadual do Piauí, onde se sobressai, nesta corrida, o curso de Letras/Português começa a realizar pesquisas acerca do processo de criação da obra literária. Pelo fato de o NEMA possuir e guardar o acervo do escritor Fontes Ibiapina, várias pesquisas foram realizadas sobre os documentos de processo do escritor.

Mas antes da implantação do NEMA na UESPI, outras pesquisas foram realizadas com documentos não literários sobre a obra ficcional de Fontes Ibiapina. O Professor doutor Francisco Alcides do Nascimento da Universidade Federal do Piauí, em 1995, realizou sua pesquisa de doutorado sobre os incêndios criminosos que aconteceram na cidade de Teresina no período de 1937 a 1945. Para o desenvolvimento de sua pesquisa, o professor Alcides também realizou sua pesquisa de doutorado em História com jornais, a procura das notícias que relatavam os incêndios. Esse acontecimento foi tão repercutido, que Fontes Ibiapina escreveu o livro *Palha de Arroz*, narrando ficcionalmente os incêndios. Foi o que ligou a pesquisa do professor à obra do escritor. Outra pesquisadora que também estudou documentos de arquivos sobre a produção literária de Fontes Ibiapina foi a Professora Doutora Raimunda Celestina Mendes da Silva, da Universidade Estadual do Piauí. Em sua pesquisa de doutorado em letras em 2001, analisou alguns jornais que traziam a narrativa da seca abordada por autores piauienses, dentre eles Fontes Ibiapina.

Mesmo diante desses importantes estudos com acervos literários, Bordini assevera que grande parte dos trabalhos de pesquisa em literatura ainda é “immanentista”, sobretudo porque “fixada no texto em si e quando muito em seus intertextos, voltada para as ‘aventuras da linguagem’, no dizer de Barthes. No polo oposto, é historicista, presa à dialética entre história e obra, de acordo com a cartilha marxista”. (BORDINI, 2009, p. 38)

A necessidade de preservação da memória de qualquer nação tramita pelas relações de poder e pela seleção do que se quer lembrar. Desse modo, a noção de arquivo como patrimônio e memória emerge com a imagem de bens públicos nacionais. Partindo desse pressuposto, busca-se pensar os modos e os lugares para se preservar uma memória nacional, bem como a função desempenhada por esses espaços que custodiam não só os arquivos públicos, mas também arquivos privados, dentre eles os pessoais.

Dentro do acervo literário de Fontes Ibiapina encontramos documentos literário e não literários que narram/registram atos e fatos que demarcam sua produção literária e

profissional, e que esse documental reflete a sociedade, cultura e linguagem do período de 1921 a 1985 do estado do Piauí.

Foi com este cenário que se pôde notar que a ideia de preservação no Brasil foi se delineando a partir da noção de que os arquivos pessoais de escritores, políticos, e pessoas públicas em geral detinham a história de um povo. Isso foi resultado da mudança epistemológica que os diversos campos do conhecimento, a saber, os estudos literários, as ciências sociais, a ciência da informação passaram. Esta mudança epistemológica ampliou a noção de memória nacional, o que contribuiu para que o sujeito tomasse seu lugar na história.

Assim, a partir daí, vem à luz a relação entre memória e arquivo, compreendendo esse entrelaçamento como algo imprescindível. O arquivamento da memória surgiu com a necessidade de o homem externar por meios verbais e não verbais seus pensamentos, ao registrar seus feitos, cristalizando informações que entendia como memoráveis. Gagnon - Arquin observa que,

[...] desde a mais alta Antiguidade o homem sentiu necessidade de conservar a sua própria “memória”, primeiro sob a forma oral, depois sob a forma de grafite e de desenhos, e, finalmente, graças a um sistema codificado, isto é, com símbolos gráficos correspondentes a sílabas ou a letras. A memória assim registrada e conservada constituiu e constitui ainda a base de toda e qualquer atividade humana: a existência de um grupo social seria impossível sem o registro da memória, ou seja, sem arquivos. (GAGNON-ARQUIN, 1998, p. 34)

Diante do exposto, é perceptível que o trabalho em arquivos literários, por se tratar de um estudo com fontes primárias, contribui para uma ampliação dos estudos literários, bem como para a história da literatura.

Dentro do acervo literário de Fontes Ibiapina encontramos a preservação da memória proposta pelo escritor com condições elaboradas por ele mesmo. Os documentos que compõem seu acervo trazem conteúdos que vão desde a literatura em si a conteúdos de história, política, religião, geografia e direito. Seus registros são passíveis de estudos em diversas áreas que se interessem por alguma dessas temáticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um acervo literário testemunha a lida escriturária de um escritor. É nesse espaço que um pesquisador, interessado em conhecer a obra mais a fundo, consegue compreender de maneira panorâmica o texto literário não só no que diz respeito à questão ficcional, mas quanto às questões culturais, históricas, filológicas, e o que mais o acervo for capaz

de lhe oferecer. Nesse espaço há o arquivamento da memória no papel ou em qualquer outro suporte que a imortaliza, o que possibilita ao seu autor o direito de não guardar em sua memória, enquanto faculdade mental. Após registrada, é possível realizar, quantas vezes se fizerem necessárias, a consulta àquilo que foi registrado.

Quando um pesquisador adentra em um arquivo pessoal de um escritor, ele se depara com uma infinita possibilidade de interpretação dos textos encontrados. No entanto, faz-se primeiramente uma desconstrução do texto para depois construí-lo, segundo os rastros deixados pelo autor, novamente considerando as rasuras que são marcas autorais.

A noção de documento, por muito tempo, teve sua compreensão, fundada na ideia de apoio ou garantia e não na função de ensinamento, encontrada na etimologia da palavra. A partir dessa perspectiva, deu-se ao documento a função de prova material, garantindo à história o domínio de uma narrativa verdadeira, fundada por provas irrefutáveis.

Toda a trajetória literária de Fontes Ibiapina foi resultado de anos a fio de pesquisas, as quais originaram documentos autorais e bibliográficos dos quais fazia uso para a construção das tramas de suas obras. Esses documentos – revistas, jornais, agendas, cadernos de anotações, livros com marginalias – ajudam a testemunhar o movimento escriturário de Fontes Ibiapina e, atualmente, estão em processo de organização sistemática no Núcleo de Estudos em Memória e Acervos – NEMA.

No acervo literário de Fontes Ibiapina, as lacunas produzidas pelos descartes de documentos, aliadas às constantes mudanças de posse do arquivo pessoal do escritor, resultaram em vazios significantes para os estudiosos de seu arquivo, o que leva a surgir uma incógnita para a interpretação e compreensão da obra ibiapiana.

Os documentos que compõem seu acervo trazem conteúdos que vão desde a literatura em si a conteúdos de história, política, religião, geografia e direito. Seus registros são passíveis de estudos em diversas áreas que se interessem por alguma dessas temáticas.

O arquivo pessoal de Fontes Ibiapina contribui solidamente para uma reescrita da História da Literatura Brasil, mais especificamente, a História da Literatura Piauiense. Os documentos que compõem seu arquivo trazem rastros históricos e literários que nos ajudam a compreender não só a obra do autor, mas a realizar estudos nas áreas de literatura, cultura, sociologia, filosofia e, principalmente, história.

ABSTRACT

The personal archives of writers is a space that holds documents from primary sources. Understanding what leads to the constitution of a writer's archive, the archiving of literature itself, is to move through the field of personal, historical documents and confidentiality pacts that reveal a scenario that, in Brasil, until the beginning of the 1960s it was a field without remarkable dimensions. The first institute created in Brasil to carry out studies with literary and historical documents was the Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) of the Universidade de São Paulo (USP). Later, other document centers emerged, with the mission of guarding writers' documents, which represent everything from the writer's library to his intimate life in literary production. These document centers keep correspondence, diaries, sketchbooks, newspapers, manuscripts, among other types of documents that testify to the development of the literary work. The documents that make up a writer's archive, in addition to narrating the literary work, bring historical information about the period of creation of the work, becoming also of interest in the field of History, consequently becoming a contributor to the construction of the history of literature . It is from these considerations that this study seeks to demonstrate the historical and literary traces in the personal archive of the writer from Piauí Fontes Ibiapina. Currently, the archive studied here is under the custody of the Núcleo de Estudos em Memória e Acervo, belonging to the Universidade Estadual do Piauí. Fontes Ibiapina's archive consists of works in 1st edition, newspapers, booklets, magazines and books with marginalias, notes on the margins of the pages of books written by the writer himself. These documents narrate a period in which the writer produced his regional works, pointing to a social, cultural, political, and economic scenario in the state of Piauí. Thus, this communication is appropriate in discussions about history and literature.

Keywords: History of Literature, Personal Archive, Fontes Ibiapina.

REFERÊNCIAS

BELLOTTO, H. L. Arquivos Pessoais em Face da Teoria Arquivística Tradicional: Debate com Terry Cook. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 201-207, 1998.

BORDINI, Maria da Glória. Acervos Sulinos: a fonte documental e o conhecimento literário. In: SOUZA, Maria Eneida de; MIRANDA, Wander Mello (Org.). **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 129-139.

_____. Acervos de escritores e o descentramento da história da literatura. **O Eixo e a Roda**: Revista de Literatura Brasileira, Belo Horizonte, v. 11, 2005. p. 15-23.

Disponível em:

http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3174 .

Acesso em: 7 ago. 2021.

_____. **Os acervos de escritores sulinos e a memória literária brasileira**. Patrimônio e Memória, UNESP – FCLAs – CEDAP, v.4, n.2, p. 35-54, jun. 2009.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Acervos: gênese de uma nova crítica. In: MIRANDA, Wander Mello (Org.). **A trama do arquivo**. Minas Gerais: Editora UFMG, 1995. p. 53-63.

- DELMAS, Bruno. **Arquivos para quê?:** textos escolhidos. Tradução de Danielle Ardaillon. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2010.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **Lembrar, escrever e esquecer.** 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- GAGNON-ARGUIN, L. Os arquivos, os arquivistas e a arquivística: considerações históricas. In: ROUSSEAU, Jean-Yves et al. **Os FUNDAMENTOS da disciplina ARQUIVÍSTICA.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.
- MARQUES, Reinaldo. O que resta nos arquivos literários. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Mello (Org.). **Crítica e coleção.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 192-203.
- MCKEMMISH, Sue. Provas de mim: novas considerações. IN: TRAVANCAS, Isabel. ROUCHOU, Joëlle. HEYMANN, Luciana. (Org.). **Arquivos pessoais:** reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: FGV. 2013.
- MIRANDA, Wander Mello. Archivos e memória cultural. In: SOUZA, Maria Eneida de; MIRANDA, Wander Mello (Org.). **Arquivos literários.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. p. 35-42.
- MOREIRA, Maria Eunice. **Fontes primárias e históriada literatura.** Disponível em <www.pucrs.br/letras/pos/historiadaliteratura/gt>. Acesso em maio 2004.
- RETTENMAIER, Miguel. Bases de dados relacionais para o estudo da literatura: um projeto para o Acervo Literário de Josué Guimarães (ALJOG/UPF). In: SILVA, Rogério Barbosa da; GOBIRA, Pedro; MARINHO, Francisco (Org.). **Múltiplas interfaces:** livros digitais, criação artística e reflexões contemporâneas. Belo Horizonte: Scriptum, 2018. p. 111-129.
- SANTOS, Silvana S. Acervos privados. In: MIRANDA, Wander Mello (Org.). **A trama do arquivo.** Minas Gerais: Editora UFMG, 1995. p. 105-110.
- ZILBERMAN, Regina. **As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura.** Editora UFMG, 2004.